

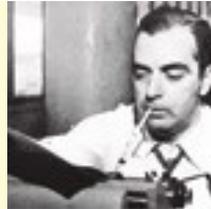
Mônica Salmaso
apresenta o show
'Minha Casa'

PÁGINA 2



Duas montagens
da obra de Nelson
Rodrigues no Rio

PÁGINA 6



César, o Oscar
francês, vai para...
'Oppenheimer'

PÁGINA 13

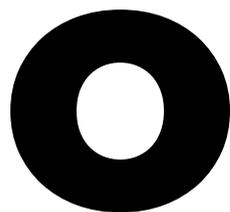


2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Show no Circo Voador sela a tão aguardada e sonhada volta do Boca Livre

Por Affonso Nunes



o sorriso desses quatro aí na foto não deixa mentir. Depois de ruidosa separação, no clímax da pandemia, os integrantes

do Boca Livre selam o retorno do grupo com show neste sábado (24) no palco do Circo Voador. Como num bom folhetim, a volta foi antecedida de alguns lances de suspense até setembro do ano passado, mas o show deste fim de semana tem um gosto especial para todos os envolvidos, aquele clássico final feliz.

O mês de janeiro de 2021 foi seguramente um dos meses mais tristes da história da MPB com o anúncio do fim do Boca Livre, um de nossos mais inventivos quartetos vocais. Divergências políticas num período conturbado da vida brasileira foram decisivos para que Zé Renato, Lourenço Baêta e, depois, David Tygel decidissem deixar o grupo. A legião de fãs ficou atônita enquanto os três integrantes e mais Maurício Maestros tocavam suas carreiras solo.

Quis o destino que "Pasieros", um álbum gravado com o panamenho Rubén Blades em 2011, lançado em 2022 e premiado com o Grammy Awards na categoria Melhor Álbum de Pop Latino fosse o sinal verde para uma lenta reaproximação dos quatro músicos.

A separação, felizmente, mostrou-se apenas uma pequena interrupção na traje-



Alexandre Landau/Divulgação

O quarteto vocal Boca Livre supera divergências de um passado recente e volta a se apresentar ao vivo

Livre para cantar (e encantar)

tória de 45 anos do grupo. A velha amizade e principalmente a harmonia - musical em geral e vocal em particular - prevaleceram. A reunião foi selada com a gravação de um single, "Rio Grande" - parceria de Zé Renato com Nando Reis, lançado em outubro. O primeiro show aconteceu em 5 de novembro em Montevideo e agora temos o primeiro show em terras brasileiras.

Além do novo single, o Boca vai apre-

sentar ao vivo as canções do premiado "Pasieros" e, é claro, sucessos de mais de quase 50 anos de estrada como "Toada", "Quem Tem a Viola", "Ponta de Areia", "Correnteza" e "Diana", entre outras.

"O retorno do Boca Livre, além de ser um desejo de retomar um trabalho de fundamental importância para as nossas vidas, é também a oportunidade de ampliar um público que, acreditamos, ter potencial para

se somar aos que vêm nos acompanhando ao longo desses 45 anos", disse Zé Renato a este repórter na ocasião da reaproximação do grupo.

SERVIÇO

BOCA LIVRE

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa) | 24/2, a partir das 22h
Ingressos entre R\$ 70 (meia) e R\$ 160

CORREIO CULTURAL

Reprodução Instagram



O último programa de Fátima foi Assim Como a Gente
Sem projetos, Fátima Bernardes pode passar 2024 na geladeira

Um dos rostos mais conhecidos da Globo pode ficar sem um programa próprio pela primeira vez em muito tempo. Fátima Bernardes não tem projetos previstos para a programação a curto prazo. O Assim Como a Gente, sua atração que estreou no GNT no fim do ano passado e que entrevistava famosos que tinham algo em comum

entre si, não deverá ter uma nova temporada produzida. O entendimento interno é que a atração cumpriu seu objetivo com apenas uma leva de episódios no ar. Procurado, o GNT confirmou que não há uma nova temporada para 2024. Na TV aberta, também não existem atrações previstas para Fátima.

Finissage

A FGV Arte encerra neste sábado (24) a exposição O A quarta geração construtiva no Rio de Janeiro com brunch, oficina de miçangas, oficina de desenho de quadra esportiva, mesas redondas e lançamento do catálogo da mostra.

Toca na novela

Bryan Behr está radiante. O cantor e compositor acaba de ter uma de suas músicas escolhida para fazer parte da trilha de “Família é Tudo”, novela da TV Globo escrita por Daniel Ortiz e que vai substituir “Fuzuê”, a partir de março.

Dudu no Casarão

Dudu Nobre é a atração deste sábado (24) no Casarão do Firmino (Rua da Relação, 19). O sambista lembrará seus grandes sucessos para o público poder cantar junto. Os grupos Bigua e Tô no Trabalho, Amor abrem a programação.

Charmeiros

Atenção charmeiros e charmeiras! Estão abertas as inscrições para o Curso de Capacitação para Instrutor de Dança Charme, iniciativa gratuita do projeto Rio Charme Social, que acontece no Viaduto de Madureira. Vagas limitadas.



Mônica Salmaso: ‘Eu não tremo mais quando estou do lado dele (Chico Buarque)’

A morada em cada canção

Mônica Salmaso traz ao Vivo Rio ‘Minha Casa’, seu mais novo show

Por **Affonso Nunes**

Quem já a viu no palco sabe bem do que estamos falando. A presença de Mônica Salmaso no palco e sua relação com as canções que abraça faz o tempo parar. O tempo de Mônica é o instante vivido. A artista parece morar em cada nota e brinda seu público carioca neste sábado (24) com seu novo show, “Minha Casa”.

“Minha Casa’ é meu norte, identidade dos afetos, o Brasil pulsante, a força da criatividade e da resistência. Da Re-existência”, define a cantora.

As casas de Mônica Salmaso são múltiplas, espalham-se pelos diferentes Brasis que a artista canta em sua obra. Passada a pandemia, ela lançou dois CDs gravados em 2021 e 2022, respectivamente “Canto Sedutor”, com Dori Caymmi, e “Milton”, em duo com André Mehmari e participação especial de Teco Cardoso.

Além disso, a artista foi a convidada da turnê ‘Que tal um samba?’, de Chico Buarque, percorrendo o Brasil e Portugal por 10 meses. “Eu jamais, nem alucinando, podia imaginar que um dia aconteceria um convite como esse. Ao mesmo tempo em que é imenso e ‘cinderélico’ — eu brinco falando que sou a Cinderela do show —, por um outro lado, é estranho dizer, mas é familiar. Porque essa caneta do Chico, a criação poética e musical dele, é também a minha própria formação”, disse Mônica em entrevista ao jornal Folha de São Paulo durante o período de realização da aclamada turnê, que ganhou registro ao vivo.

“Eu não tremo mais quando estou do lado dele”, brincou a cantora.

O show “Minha Casa” fará um passeio pela trajetória da artista, mas traz também algumas músicas nunca gravadas por ela, reafirmando a cantora como uma dedicada desbravadora do vasto cancionário

brasileiro, uma de suas maiores virtudes, aliás. “Desenhei o repertório deste show mergulhada no desejo vivido — durante a turnê com o Chico e a imensa plateia que nos assistiu — de voltar para casa depois de tudo o que passamos no Brasil e na pandemia. Celebrar a vida e os encontros, celebrar a consciência do valor que as nossas melhores relações têm para nós, a consciência do que somos e do que realmente precisamos. Dos nossos defeitos e faltas. Dos nossos afetos.”

Com direção musical da cantora em parceria com seu marido, o flautista e saxofonista Teco Cardoso, o show traz ainda os músicos Tiago Costa (piano), Neymar Dias (viola caipira e contrabaixo), Lulinha Alencar (acordeon), Ari Colares (percussão) e Ricardo Mosca (bateria). “Minha Casa” está nascendo para percorrer os diferentes Brasis e esparramar afetos com a singeleza do canto de Mônica Salmaso, uma legítima porta-voz do que há de mais belo na canção popular brasileira.

SERVIÇO

MÔNICA SALMASO - MINHA CASA

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo)

24/2, às 21h

Ingressos a partir de R\$ 60 (meia) e R\$ 120

O Rei, o Tremendão e... Arrigo!

Divulgação



Arrigo Barnabé: 'A Jovem Guarda também era rebelde'

Ícone da Vanguarda Paulistana mergulha no repertório de Roberto e Erasmo

O cantor e compositor Arrigo Barnabé se lembra de, quando jovem, ter comprado um LP de antologia da Jovem Guarda. “Foi o primeiro LP que comprei. A gente dançava muito essas músicas. Ao mesmo tempo em que os festivais estavam acontecendo, começamos a perceber as poéticas que estavam aparecendo na música brasileira naquele momento. A Jovem Guarda era uma espécie de diluição do que se fazia no exterior. Também era rebelde, a gente se identificava imensamente”, diz o cantor e compositor que volta a este território afetivo com o show “Quero Que Vá Tudo Para o Inferno” em que interpreta parcerias de Roberto e Erasmo Carlos neste sábado (24) no palco do Soberano, em Itaipava.

Acompanhado por Paulo Braga (piano) e Sérgio Espíndola (violão), Arrigo reinterpreta as canções da dupla de um modo novo, original e cuidadoso, inovando, porém, man-

tendo e realçando seus sentidos originais.

Partindo do sentido das canções, Arrigo traz a Jovem Guarda à tona, recriando as canções da dupla que habita o imaginário musical brasileiro.

Oriundo de Londrina, o compositor surge na cena musical brasileira em 1979, no festival universitário da TV Cultura e no festival de MPB da TV Tupi, com as músicas Diversões Eletrônicas e Sabor de Veneno. Em 1980 lança o álbum independente “Clara Crocodilo”, marco inicial da vanguarda paulista. “Tubarões Voadores”, de 1984, inicia uma pesquisa para unir música e história em quadrinhos. Um traço característico das suas composições é a mistura de elementos da música erudita modernista, aliados a letras ferinas sobre a vida nas metrópoles.

SERVIÇO

ARRIGO BARNABÉ - QUERO QUE VÁ TUDO PARA O INFERNO

Soberano (Estrada União e Indústria, 11.000 – Shopping Estação Itaipava, Petrópolis)

24/2, às 21h

Ingressos: R\$ 240 e R\$ 120 (p/ moradores do estado do RJ)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Samba paulista

Um dos grandes nomes do samba produzido atualmente na terra da garoa, Douglas Germano apresenta-se nesta sexta-feira (23), a partir das 22h, no palco do Circo Voador. No repertório, alguns de suas melhores canções autorais como “Tempo Velho”, “Lama”, “Maria de Vila Matilde” e “Cansaço”. A turma da Espetacular Charanga do França abre a noite com suas criativas releituras das tradicionais charangas.

Divulgação



Chico por Moyseis

Moyseis Marques interpreta, mais uma vez, canções de Chico Buarque. O cantor e compositor, que já protagonizou o musical “Ópera do Malandro”, empresta sua voz, seu violão, seu tamborim e seu carisma aos sambas, baiões, xotes, canções, valsas e até um blues do mestre. “Paratodos”, “Mil perdões” e “Biscate” são algumas joias do repertório do show que Moyseis apresenta nesta sexta-feira, às 20, no Blue Note Rio.

Divulgação



Conexão reacesa

Geraldo Azevedo e Hugo Fattoruso estreiam dueto com show inédito neste sábado, às 20h e 22h, no Blue Note Rio. No palco, a dupla viaja por mais de 40 anos de amizade, histórias e canções, em um show intimista de vozes, violão e piano. “Sempre quis voltar a tocar com o Hugo. Ele é um artista multitalentoso”, elogia Geraldo. A visita do uruguaio à casa do pernambucano reacendeu a conexão musical criada no início dos anos 1980.

Júlia Rodrigues/Divulgação



Voz amazônica

A cantora amapaense Patrícia Bastos fará espetáculos no Rio de Janeiro para lançar “Voz da Taba”, seu oitavo disco e terceiro com a direção musical e arranjos de Dante Ozzetti, para celebrar a cultura amazônica. As apresentações serão nesta sexta e sábado (23 e 24), às 19h, no palco do Teatro Nelson Rodrigues (Av. República do Paraguai, 230 - Centro). Ingressos: Plateia - R\$ 30 e R\$ 15 (meia); balcão - R\$ 20 e R\$ 10 (meia).

O eterno legado de Elvis

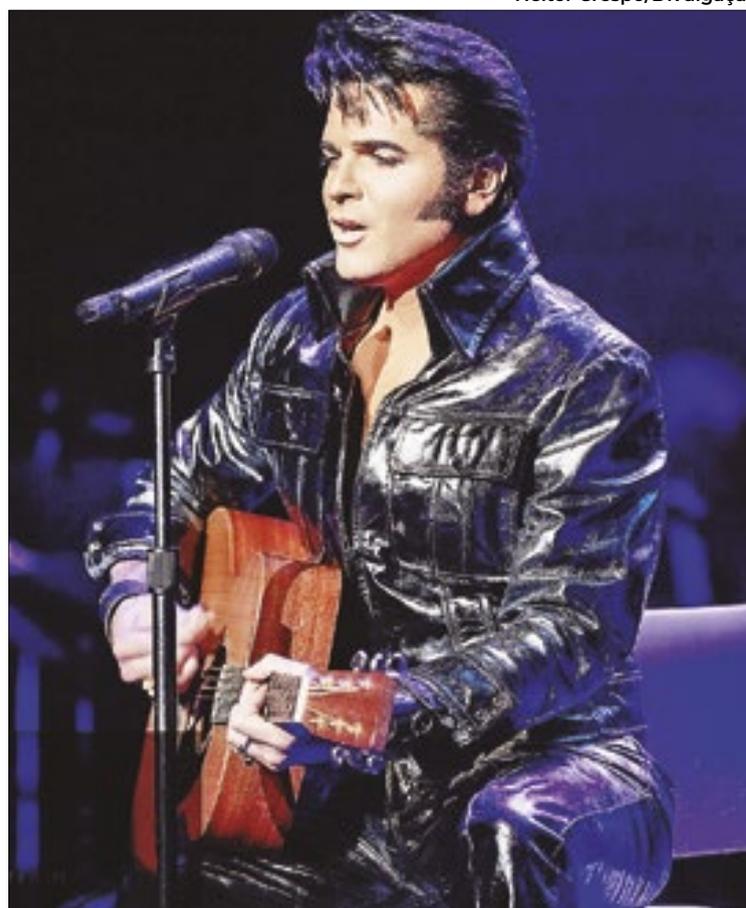
O americano Dean Z traz ao Brasil seu premiado tributo ao rei do rock

O universo da música é um terreno fértil para a expressão artística, e uma tendência que vem ganhando destaque é a performance de covers. Muitos artistas começaram suas carreiras fazendo tributos a ídolos da música alcançaram uma surpreendente trajetória de sucesso. Um desses é o americano Dean Z, de 40 anos, que desde os 17 pesquisa e aprimora suas interpretações de Elvis Presley, o rei do rock. Ele vem ao Brasil pela segunda vez e se apresenta neste domingo (25), às 20h30, no Qualistage.

Elvis foi um artista singular que mudou o curso da história da humanidade no âmbito musical, comportamental e social. Em 24 anos de carreira, gravou cerca de 700 canções e por anos a fio se manteve no topo das listas de artistas que mais venderam discos - estima-se que ele tenha vendido ao menos 1,5 bilhão de cópias.

Se estivesse vivo, teria acabado de fazer 89 anos (em 8 de janeiro), quase 47 anos após sua morte, a lenda se mantém viva no imaginário e nas lembranças de uma geração, e até no gosto de quem não viveu essa época.

Dean Z é um dos artistas co-



Heitor Crespo/Divulgação

Dean Z foi uma das vozes do rei do rock no filme 'Elvis'

ver mais premiado do mundo (os prêmios que ele recebeu são oficiais, auditados e oferecidos pela Elvis Presley Enterprises). Foi também uma das vozes do filme

"Elvis" (2022).

Para a turnê no Brasil, Dean Z, em uma das canções, fará um dueto com o próprio Elvis Presley, utilizando a mesma tecnolo-

gia usada por Paul McCartney na atual turnê, onde ele canta com John Lennon no palco. O momento é super aguardado pelos fãs (Dean é o único no mundo que tem autorização para fazer).

Em sua primeira passagem pelo Brasil, em 2023, Dean Z fez oito shows com ingressos esgotados.

No palco, Dean é acompanhado por uma big band de 12 músicos (incluindo naipe de sopros e set de backing vocals), reproduzindo fielmente a formação com que Elvis se apresentava. No repertório, clássicos como "Blue Suede Shoes", "Jailhouse Rock", "Burning Love", "Always On My Mind", "My Way", "Viva Las Vegas" e "That's All Right, Mama", primeiro hit de Elvis, de 1956.

"Sou muito honrado de poder ajudar a prolongar o legado do maior artista da história e mantê-lo vivo no palco, para sempre", comenta o cantor.

SERVIÇO

DEAN Z - ELVIS EXPERIENCE
Qualistage (Via Parque Shopping: Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca) 25/2, às 20h30

CRÍTICA / DISCO / ZECA TORRES 50 ANOS - PARCERIAS

Viva a música brasileira de Norte a Sul do país!

Por Aquiles Rique Reis*

Um salve a todas e todos que leem este comentário escrito em plena terça-feira de carnaval! E aí, curtiram a festa? De minha parte, devo dizer que, como venho fazendo há alguns bons anos, pulei o carnaval... é, fui do sábado direto pro final de semana seguinte. Rsrtrs! Mas fiquei ligado à tevê nos desfiles das escolas de samba - cês tão pensando que eu não sou bobo, né? E segura essa: "Será que quem passa o carnaval no sofá pode ser considerado um 'mestre sala'?" Vixe! E eu sei lá... Evoé!

Mas agora vamos a "Zeca Torres 50 anos - Parcerias", o novo álbum deste mineiro de BH também conhecido como Torrinho, nascido em 1955 e radicado em Manaus desde 1968.

Suas músicas têm a delicadeza

das Minas Gerais e o vigor da Amazônia - suaves como a brisa que varre o céu e o torna azul em folha. Basta ouvir, por exemplo, a faixa que abre a tampa, "Águas de Banheiro" (Zeca Torres e Leandro Dias). Zeca canta com boa voz de compositor e toca violão de náilon. A flauta de Claudio Abrantes pontua o arranjo (este e todos os outros são de Zeca e Neil Armstrong Jr.), enquanto a leve percussão de João Paulo embala o balanço. Bela abertura!

Já em "Um Concerto" (ZT e Mauro Aguiar), Zeca divide o canto com Lucilene Castro. A levada do baião os encontra seguros e suingados. A viola de doze de



Divulgação

Neil Armstrong Jr, mais o baixo de Sérgio Tulio, a percussão de João Paulo e o acordeom de Danilson Sampaio, criam atmosfera prazerosa para quem os ouve.

Outra grande composição de Zeca, esta em parceria com Anibal Beça, é "Toda Palavra" ([https://](https://youtu.be/Ofeg4Pl99jk?si=fW-XvQ-Z1A8jh)

youtu.be/Ofeg4Pl99jk?si=fW-XvQ-Z1A8jh). Na abertura, Zeca recita alguns versos. Logo vem a harpa de Normi Melo, em participação discreta, mas muito bonita. A flauta de Claudio Abrantes também se destaca no bom arranjo, enquanto o baixo acústico de Sérgio Tulio a todos agrega e Nilson Chaves divide o canto com Zeca.

"Uma Valsa" (<https://youtu.be/Ofeg4Pl99jk?si=fW-XvQ-Z1A8jh>), de ZT e Mauro Aguiar, é belíssima! Neil Jr. toca violão de seis e de sete cordas, Sérgio Tulio está no baixo acústico e Claudio Abrantes, mais uma vez, faz de sua flauta protagonista do arranjo.

A tampa fecha com "Porto de Lenha" (ZT e Aldisio Filgueiras) que, considerada um hino extraoficial de Manaus, foi a única música do álbum produzida fora desta cidade. Gravada no Rio de Janeiro, conta com belo arranjo vocal e instrumental de Paulinho Pauleira (MPB4) e com ótima participação do grupo vocal Subversos, do Rio de Janeiro.

Foi um prazer ouvir Zeca Torres cantando as suas músicas, que são referências no Norte do Brasil. No mais, é como diz o conterrâneo de Torrinho, o mineiro Fernando Brant, em "Notícias do Brasil", parceria com Milton Nascimento: "(...) A boa nova foi ouvida em Belém, Manaus/ João Pessoa, Teresina e Aracaju/ E lá do Norte foi descendo pro Brasil central/ Chegou em Minas, já bateu bem lá no Sul (...)".

*Vocalista do MPB4 e escritor

I N C E N T I V A N D O A A R T E

**E D I T A L
D E C U L T U R A**

**SESC RJ
PULSAR**

2024 / 25

**UMA NOVA
OPORTUNIDADE
PARA O SEU PROJETO
TOMAR CONTA DOS
NOSSOS PALCOS.**

A quarta edição do **Edital Sesc Pulsar** irá selecionar propostas e projetos artísticos e culturais para integrarem parte da **Programação Cultural das unidades do Sesc RJ em 2025.**

Participe!
Inscrições gratuitas até

8/3/2024

Confira o edital
e inscreva-se:



Música • Teatro • Dança • Circo • Artes Visuais • Audiovisual • Literatura

Nelson Rodrigues, criador do teatro brasileiro

'A Falecida' e versão musical de 'Vestido de Noiva' iniciam temporada em palcos cariocas

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Houve um tempo que o teatro brasileiro podia ser considerado português. As palavras, o sotaque, as tramas, os espetáculos reproduziam o que tinha sido dominante no século 19. Nelson Rodrigues, sob o signo da palavra inquietante, considerada por ele próprio como um teatro desagradável, coloca enfim aquele Brasil que se urbanizava, que chegava, ainda que de forma canhestre, ao capitalismo e seus conflitos de classe e de alma.

Nelson Rodrigues (1912-1980) tecerá uma obra dramática a partir da apresentação dos temas do incesto, da violência, do sadismo, do masoquismo, do amor e da morte, da moral feminina/masculina, perante um público burguês escandalizado, um espelho não só das mazelas das almas, como também, cirurgias precisas dilaceram os abcessos da moral burguesa dos meados do Século XX.

Agora tem-se dois Nelsons, em montagens totalmente diversas de textos marcantes em sua dramaturgia: "Vestido de Noiva" inaugura a chamada fase mítica, o surgimento do autor, com histórias passadas em determinação



Anderson Rosa vive Madame Clessi na versão musical de 'Vestido de Noiva'

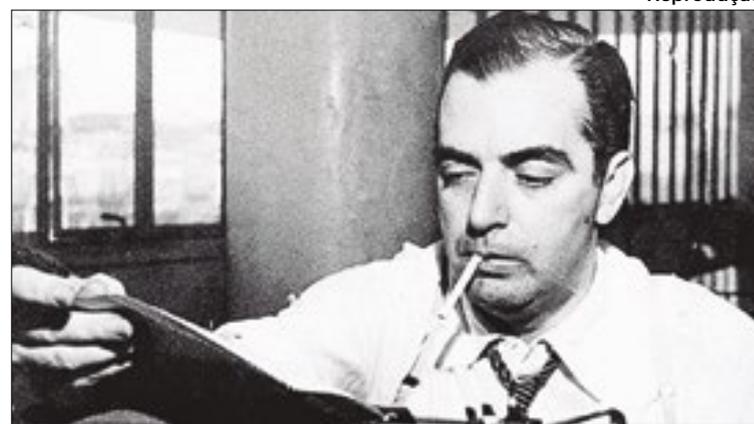
Divulgação

de tempo ou lugar; e "A Falecida" é considerada a primeira das tragédias cariocas. Coloca as pessoas das ruas, seu linguajar, seu modo de vida, a mediocridade, a humilhação, o ataque frontal às pessoas da elite, a pobreza de alma e de bolso.

"A Falecida" completou 70 anos em 2023 com nova montagem dirigida e idealizada por Sergio Módena e protagonizada por Camila Morgado, que voltou ao teatro depois de um hiato de 11 anos distante dos palcos. O espetáculo recebeu cinco indicações ao

Prêmio FITA 2023, recebendo os prêmios de Melhor Atriz Coadjuvante (Stela Freitas) e Melhor Espetáculo – Juri Popular.

"Eu e Camila somos apaixonados por esse texto e pelo legado de Nelson Rodrigues. E ela é uma atriz "rodrigueana" por excelência, assim como o Thelmo Fernandes. Esta montagem marca a minha primeira direção de uma obra do Nelson. Estamos criando uma encenação atemporal para a peça, que, originalmente, foi escrita em 1953 e se passa no subúrbio do Rio de Janeiro. Mas Nelson vai



Nelson Rodrigues leva o Brasil para dentro da dramaturgia produzida no país

Divulgação



Camila Morgado retorna aos palcos em 'A Falecida'

além da crônica carioca. Ele radiografa a miséria da alma humana, presente nos mais diversos lugares e épocas", comenta o diretor sobre a idealização do projeto", diz Sergio Módena.

Um dos grandes clássicos de Nelson, que revolucionou a cena teatral brasileira, chega ao palco em versão de musical. "Vestido de Noiva – O Musical", produzido pelo CEFTEM, conta com direção de Rafaela Amado e faz temporada no Teatro Cesgranrio. No elenco, quatro atrizes se revezam fazendo as personagens principais,

Ísis Lua e Bruna Goelzer vivem Alaíde; Valentina Schmidt e Yara Pontes vivem a Mulher de Vêu. Além delas, os atores Anderson Rosa e Vini Duarte se revezam na personagem Madame Clessi.

"Sempre fui uma apaixonada por Nelson, e ter a oportunidade de dirigir esta peça é fantástica. Em 1943, na data da estreia, esta obra revolucionou o teatro em sua capacidade técnica com cenários, iluminação, sobreposição de cenas, os 3 planos simultâneos.... 80 anos depois, com todos os recursos que temos hoje, a peça continua desafiadora e moderna, para direção, para os atores e para o público. Tenho um motivo ainda mais particular para estar muito feliz com esta direção: é que minha mãe, Camilla Amado, interpretou Alaíde, a protagonista, em 1973 na remontagem comemorativa de 30 anos da estreia original de 1943, com direção do próprio Ziembinski. Então é uma dupla honra e desafio", afirma Rafaela, ao comentar sua opção em levar essa obra ao palco em outra linguagem teatral.

SERVIÇO

VESTIDO DE NOIVA - O MUSICAL

Teatro Cesgranrio (Rua Santa Alexandrina, 1011 - Rio Comprido) até 3/3, de quinta a domingos Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

A FALECIDA

Teatro Copacabana Palace (Avenida Nossa Sra. de Copacabana, 261) De 23/2 a 7/4, às sextas e sábados (21h) e domingos (20h) Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

CRÍTICA / TEATRO / INTIMIDADE INDECENTE

Eduardo Chamom/Divulgação

Sem aborrecimentos e com filhos

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Jânio Quadros dizia que intimidade só traz duas coisas: aborrecimentos e filhos. E o que mais as pessoas desejam: aquela intimidade gostosa de papear, se abrir, falar o que der na cabeça, explodir, brigar, amar, implicar e ter alguém que não é uma experiência narcísica, mas uma troca de gozo. “Intimidade Indecente”, escrita em 2002 por Leilah Assumpção e dirigida por Guilherme Leme Garcia é um momento raro, inclusive em sua contemporaneidade.

Apesar de ser aparentemente sobre sexo em pessoas com mais de 60 anos, a peça provoca pequenos prazeres até grandiosas emoções. Com dois “monstros” do teatro em cena, Eliane Giardini e Marcos Caruso, em

uma química avassaladora que, em blocos, nos permite, sem alteração de cenários ou figurinos, ir fazendo a sua jornada pela última parte da vida.

Esse é o grande mérito do texto: compor em diálogos rápidos, cortantes. Os atores encerrados na quarta parede, pois o papel da plateia é se deleitar e se identificar. Teatro na veia com direito à catarse.

A direção alcança duas regras básicas e clássicas da dramaturgia: a unidade de lugar e a verossimilhança. Em um texto que as palavras são as mais cotidianas, gírias, palavrões, afetos, mordacidades, a direção ressalta cada vírgula, como um cinzel que pega um bloco de mármore do melhor e mais perfeito – o casal de artistas – e faz de suas atuações um momento ímpar nesse século 21.

O foco no sexo na terceira idade, esse é apenas a ponta do iceberg. O que se fala é



Marcos Caruso e Eliane Giardini em estado de química avassaladora

do princípio do prazer em todas as suas latitudes: desde o prazer de pequenas delícias como acontece na cena do doce de leite -, até como superar a enorme mágoa do abandono dos descendentes.

Como se fala de prazer e gozo, Caruso e Eliane se transformam em seres vivos, lutadores incansáveis, caçadores de orgasmos de todos os tipos e dimensões sem qualquer pudor

e muito menos decência, decoro. Mas sempre recíprocos.

SERVIÇO

INTIMIDADE INDECENTE

Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 40, Centro) | Até 25/2, sábado (20h) e domingo (18h) | Ingressos entre R\$ 19,50 (meia) e R\$ 120

NA RIBALTA

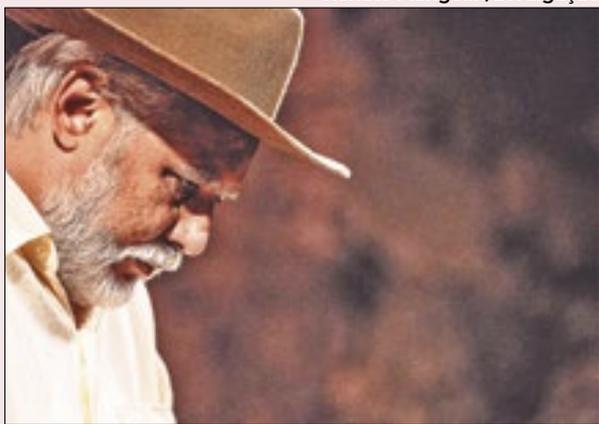
POR CLÁUDIA CHAVES

Cenografia em foco

A partir do próximo dia 29, o Sesc Digital oferece o curso de Cenografia, que traz a experiência de J. C. Serroni em seis módulos divididos em 28 aulas, de uma forma simples, com fundamentos históricos e técnicos e a reflexões sobre linguagem, estilo e processos de trabalho. Serroni é cenógrafo, arquiteto teatral, internacionalmente reconhecido, ex-colaborador do Centro de Pesquisas Teatrais (CPT) de Antunes Filho e criador do Espaço Cenográfico, escola livre de cenografia. Inscrições abertas na plataforma EAD Sesc Digital.

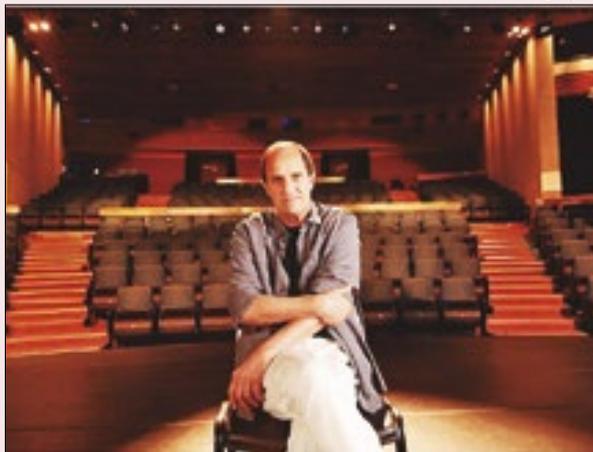
Divulgação

Renato Mangolin/Divulgação



O mundo rosiano

A obra prima “Grande Sertão: Veredas” de João Guimarães Rosa volta ao Museu da República neste domingo (24) pelas mãos do ator Gilson de Barros e do diretor Amir Haddad. Este projeto, indicado ao Prêmio Shell Rio 2023 nas categorias de Melhor Dramaturgia e Melhor Ator, encenará as duas primeiras peças da trilogia, “Riobaldo” aos sábados e O Diabo na Rua, no Meio do Redemunho, aos domingos, resgatando a tradição do teatro de repertório. Nos dias 1 e 8 de março, leitura dramatizada de ‘O Julgamento de Zé Bebeló’, com estreia prevista para julho.



Anderson Borde/Divulgação



É tempo de magia

Neste sábado e domingo (24 e 25), o ator e mágico Gabriel Montenegro apresenta “A Mágica”, na Cidade das Artes, na Barra da Tijuca. O novo espetáculo traz mais de 30 números originais e repletos de inovação, que desafiam a realidade. O público não é apenas um espectador, mas parte integrante do espetáculo criando uma experiência única e inesquecível. Sucesso de público, a plateia viverá momentos de pura magia, num mix de realidade e ilusionismo perfeitos, quando poderão conferir truques exclusivos do jovem mágico. Ingressos no Sympla.

SHOW**TONI PLATÃO - O AMOR SEGUNDO
HERBERT VIANNA**

*Toni Platão dá voz a músicas românticas do compositor Herbert Vianna à frente da The Soft Parade Band. Manouche (Rua Jardim Botânico, 983). 23/2, às 21h. Ingressos em: <https://olhaoingresso.com.br>

BAILE DO GEORGE

*compositor, cantor e saxofonista, fundador do Kid Abelha, George Israel compartilha sua carreira de 40 anos em grande baile festivo. Soberano (Estrada União Indústria, 11.000 – Shopping Estação Itaipava, Petrópolis). 22/2, às 21. Ingressos: R\$ 240 e R\$ 120 (moradores do estado do RJ)

JOSILDO SÁ

*O pernambucano Josildo Sá, um dos principais expoentes do samba de latada, gênero musical que passeia entre o forró e o samba, está em turnê por unidades do Sesc RJ. Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). 23/2, às 19h. Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 7,50 (associado Sesc) e gratuito (público PCG)

PAGODE DO SOMBRINHA

*O cantor compositor se apresenta no Casarão do Firmino (Rua da Relação, 19 - Centro). Abertura com os grupos Bigua e Ato Lek e, nos intervalos, sets da DJ Nicolle Neumann. 24/2, às 17h. Contribuição colaborativa

SAMBA DA LUA CHEIA

*Roda composta só por mulheres se apresenta no Xepa Bar (Rua Arnaldo Quintela, 87, Botafogo). O prato especial do samba, a feijoada será servida, e o cardápio de comida e drinks está novinho também. 25/2, a partir das 14h.

THE JETS - TODO BRILHO DE ELTON JOHN

*Espetáculo reverencia a obra do cantor, compositor, pianista, produtor britânico, um dos maiores artistas do planeta. Teatro Rival (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). 24/2, às 19h30. R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

BEE GEES LIVE

*Tributo reproduz fielmente a mítica banda dos irmãos Gibb e suas eternas canções como "Massachusetts", "Words", "To Love Somebody", "Stayin' Alive", "More Than a Woman", "I Started a Joke", entre outras. Teatro Riachuelo (Rua do Passeio 38 – Centro). 23/2, às 20h

*Pequeno Príncipe in Concert*

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

*George Israel***HUMOR****IRMÃ SELMA**

*Monólogo estrelado, escrito e dirigido pelo humorista Octávio Mendes, famoso pela participação no emblemático espetáculo Terça Insana. Teatro Rival (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). 23/2, às 19h30. R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

TEATRO**PAREM DE FALAR MAL DA ROTINA**

*Monólogo criado e protagonizado por Elisa Lucinda que levou aos teatros milhões de espectadores pelo país por 22 anos. Na peça, dirigida por Geovana Pires, a atriz e autora trata o cotidiano como espaço de criatividade. Teatro Riachuelo Rio (Rua do Passeio 38 – Centro). 1/3

COMO É QUE PODE?

*A peça mistura stand up comedy, esquetes de humor, vídeos e números de mágica, com boa dose de improviso. Gabriel brinca com situações corriqueiras e, para essa comemoração de 10 anos, ele faz uma espécie de linha do tempo do “Como é que Pode?”. Teatro das Artes (Shopping Gávea: Rua Marquês de São Vicente, 52). 24 e 25/2, sáb (20h) e dom (19h)

60 DIAS DE NEBLINA

*Com Juliana Dinode. Comédia busca ser rede de apoio ao abordar com humor e leveza as aventuras de uma mãe nos primeiros meses da maternidade. Eco Vila Ri Happy (Rua Jardim Botânico, 1008). Sex e sáb (20h) e dom (19h). Até 25/2

ANTES DO ANO QUE VEM

*Com Mariana Xavier. Comédia trata do tema saúde mental com leveza e humor. Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória) Sex e sáb (20h) e dom (18h). Até 25/2.

O QUE NOS MANTÉM VIVOS

*Idealização e adaptação: Renato Borghi e Elcio Nogueira Seixas. Direção: Rogério Tarifa. Com Renato Borghi, Débora Duboc, Elcio Nogueira Seixas e elenco. O ato-espetáculo-musical critica o autoritarismo fascista que assombra o Brasil. Teatro Sérgio Porto (Rua Humaitá, 163) De 24/2 a 18/3. Sex e sáb (19h) e dom (18h)

INTIMIDADE INDECENTE

*Casal se separa aos 60 anos, mas segue se reencontrando vida a fora, e ainda reconhecendo um no outro o seu maior cúmplice. Com Marcos Caruso e Eliane Giardini. Teatro Riachuelo (Rua do Passeio 38 – Centro). Até 25/2

EXPOSIÇÃO**CASA COMUM**

*Instalação multimídia com obras de artistas amazônidas (Rafa Bqueer, Uýra, Alcemar Sateré, Elizete Tikuna, Roberta Carvalho e outros), com foco na cosmovisão indígena do planeta. Futuros - Arte e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo), de qua a dom (11h às 20h). Grátis. Até 10/3

CORPO FORMOSO

*Em sua primeira individual, a artista Yoko Nishio apresenta 11 pinturas

**Casa Comum****CCBB Bloco****Irmã Selma**

inéditas, que têm como fio condutor a relação entre o corpo e a cidade. Museu da República (Rua do Catete, 133). De ter a se (10h às 12h e 13h às 17h), sáb, dom e feriados (11h às 12h) e 13h às 17h). No dia 27/2, visita guiada com a artista. Até 10/3

DO GIBI AOS QUADRINHOS - OS SUPER HERÓIS BRASILEIROS

*Uma viagem no tempo através de um painel que mostra a diversidade de super-heróis, temas e criadores relacionados às HQs no Brasil. Centro Cultural Correios (Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro). Ter a sáb (12h às 19h). Até 24/2. Grátis

TRÊS MARIAS

*Coletiva com obras das artistas plásticas Daniela Schiller, Mariana Porto e Flavia Renault. Centro Cultural Correios (Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro). Ter a sáb (12h às 19h). Até 24/2. Grátis

AH, EU AMO AS MULHERES BRASILEIRAS

*Coletiva reúne 34 obras de mulheres de todo o país para discutir a objetificação e a hipersexualização do corpo da mulher brasileira. MAC Niterói (Mirante da Boa Viagem, s/nº, Niterói). De ter a dom (10h às 18h). Até 25/2.

INFANTIL**O PEQUENO PRÍNCIPE IN CONCERT**

*Em versão in concert, a obra apresenta a história da amizade entre o homem frustrado por incompreensão e o principzinho que habita um asteroide no espaço. Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia). 28 e 29/2 (19h); 1/3 (19h); 2/3 (11h e 16h)

NARUTO

*Espetáculo resgata as incríveis histórias do famoso personagem num mundo de ninjas, repleto de desafios, amizades e superações. Faz & Conta” Américas Shopping (Av. das Américas, 15.500, Recreio). 25/2, às 17h. Grátis

CARNAVAL**CCBB BLOCO**

*O carnaval acabou, mas no CCBB Rio ainda tem festa. Com muito samba, maracatu, afoxé e frevo o bloco, os cortejos acontecem dentro do CCBB Rio (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). 23/2, às 13h. Grátis

Travessias de outonos, glória africana e amor

Competição pelo Urso de Ouro de 2024 chega ao fim consagrando retratos afetivos e estudos sobre partidas e regressos, com destaque para filme da Maurîtânia

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

É difícil pensar num momento mais impactante - tanto em contundência política quanto em rigor estético - na Berlinale de 2024 do que a sequência de "Black Tea", concorrente ao Urso de Ouro egresso da Maurîtânia, na qual uma noiva, no altar, diz "não" ao futuro quase marido dizendo: "Vá realizar seus desejos. Vá ser feliz".

Abderrahmane Sissako é o diretor responsável por essa metonímia de generosidade, mas também de empoderamento, que, em dado ponto, vira um conto multicultural sobre aceitação de diferenças (raciais, geopolíticas, amorosas) na ponte entre a África e a China. É lá que a tal noiva, interpretada por Nina Mélo, vai parar, em busca de felicidade. Encontra um dono de uma loja de chá que, às portas da casa dos 60 anos, passa suas escolhas pessoais em revista. Ele é um dos muitos personagens outonais que se destacaram no 74º Festival de Berlim, que termina neste domingo, mas anuncia os resultados de suas competições neste sábado.

Dois títulos latinos têm fortes chance de vitória, embora Abderrahmane dispare como favorito no gosto de muita gente que veio prestigiar a maratona cinematográfica germânica. O mexicano Alonso Ruizpalacios demarcou para si um espaço de fina excelência com "La

Cocina", uma iguaria fervida numa panela de pressão sociológica que fala de imigrantes radicados num restaurante de luxo.

Já o colombiano Nelson Carlos De Los Santos Arias impressionou multidões com a premissa (e a estrutura meio documental, meio fabular) de "Pepe", cujo protagonista é... um hipopótamo. O bicho foi tirado de seu conforto nas águas africanas e levado para a América do Sul por um capricho do narcotráfico, que, a fim de ostentar, buscou Atlântico adentro uma mascote inusitada.

O Brasil tem chance de sair premiado, mas não na seleção principal. "Cidade; Campo", triagem de perseveranças femininas pilotada por Juliana Rojas (de "O Duplo"), concorre com brilho na mostra Encontros, apoiado numa atuação coruscante de Bruna Lyndmeyer, Mirella Façanh e Fernanda Viana. É uma trama bifurcada: de um lado, uma mulher migra para São Paulo; do outro, um casal se muda para uma área rural.

Entre os títulos na disputa na Encontros, "Demba", do senegalês Mamdou Dia, é um dos mais sólidos concorrentes de Juliana, narrando a reinvenção de um funcionário público viúvo que se aposenta. É mais um exemplo, além de "Black Tea", da exuberância das produções de CEP africano desta edição da Berlinale. Esse bonde emplacou outro (e requintado) representante na caça ao Urso de Ouro: "Dahomey", documentário



'Black Tea', da Maurîtânia, celebra o multiculturalismo

Divulgação



'Shamballa' é o concorrente ao Urso do Nepal

que tem tudo para render a láurea de Melhor Direção para a franco-senegalesa Mati Diop. É uma expedição investigativa em torno do tráfego de relíquias do Benin que foram surrupiadas de sua pátria durante a colonização e, só agora, regressam a seu lar.

Muito se falou em "regresso" entre os 20 filmes em concurso, assim como muito se fala sobre partida, como é o caso da estonteante

aventura nepalesa "Shambala", de Min Bahadur Bham, sobre uma jovem grávida do Himalaia que corre montanhas atrás do marido desaparecido. Um olhar metafísico para a noção de partida também marca "Another End", de Piero Massina, no qual Gael García Bernal tenta manter contato com a finada mulher (Renate Reinsve) e recebe uma ajudinha de uma empresa dedicada a fazer renascer os mortos. Gael

atua com garbo.

Representado na disputa oficial pelo Urso de Ouro pelo prolífico artesão autoral Hong Sangsoo (na disputa com "A Traveler's Needs"), a Coreia do Sul vai encerrar a programação de inéditos da Berlinale 2024 esta noite com doses fartas de adrenalina, ao projetar o thriller "The Roundup: Punishment" ("Beom-Joe-do-si 4"). Essa trama de investigação e tapas na cara, dirigida por Heo Myeong Haeng, é uma sequência de um sucesso mundial de bilheteria "Força Bruta", lançado aqui em 2022. Ma Dong-seok, ou Don Lee, o Gilgamesh da aventura "Eternos" (2021), da Marvel, é seu protagonista. Ele vive uma espécie de Dirty Harry da Ásia. Nesse novo filme, seu personagem, o detetive brucutu Ma Seok-do bate pesado numa quadrilha de jogo ilegal online. Os títulos anteriores dessa cinessérie asiática desafiam as leis da gravidade, num padrão "John Wick" de excelência. É uma forma de Berlim se despedir dos cinéfilos na chave da vertigem.

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

E estudo sobre a deterioração de uma família, na doença e no desarranjo sentimental, “*Sterben*” (cujo título internacional será “*Dying*”), dirigido por Mathias Glasner, com cineasta egresso de Hamburgo, foi um dos poucos filmes alemães em toda a 74ª Berlimale a ser aclamado nas mais diversas línguas e saudado como um achado da curadoria.

Construído num limite quase azedo de comédia e drama, seu roteiro fala de um maestro (Lars Eidinger) cuja mãe entra em estado crítico de saúde no momento em que ele ensaia o que pode se tornar sua maior sinfonia.

Não é o único representante “da casa” na competição pelo Urso de Ouro de 2024, uma vez que “*From Hilde, With Love*”, do veterano Andreas Dressen, está no páreo, recriando a resistência os nazistas.

Há ainda uma coprodução com a Áustria, “*The Devil’s Bath*”, de Veronika Franz e Severin Fiala. Mas só Glasner colou no gosto popular, e isso no momento em que a Alemanha está na disputa pelo Oscar de Melhor Filme Internacional, com “*A Sala dos Professores*”, de Ilker Çatak. Mais curioso ainda: a última vez que um longa-metragem germânico ganhou o troféu principal do Festival de Berlim foi há exatamente 20 anos: “*Contra a Parede*”, de Fatih Akin, que é parcialmente turco.

“Eu não sou muito ligado em filmes alemães, não por desrespeito, e não por desvalorizar uma tradição local, mas porque tenho mais curiosidade pelos filmes que nos chegam vindos de outros territórios”, disse o próprio Glasner ao Correio da manhã.

“Os últimos grandes filmes alemães que eu vi foram dirigidos por mulheres. Há uma fase forte de grandes diretoras”.

“*Transtorno Explosivo*”, de Nora Fingscheidt, e “*Eu Estava Em Casa, Mas...*”, que rendeu o Urso de Prata de Melhor Direção à diretora Angela Schanelec, em 2019, integram esse bloco forte de títulos pilotados por



‘*Sterben*’ é o único título alemão com força para dar o Urso de Ouro a seu país

Prata da casa

realizadoras alemãs.

Integre nesse bonde a veterana Margarethe Von Trotta. Ela atraiu holofotes no festival do ano passado com “*Ingeborg Bachmann - Jornada Pelo Deserto*” (“*Ingeborg Bachmann - Reise in Die Wüste*”), exibido na Mostra de São Paulo de 2023.

É sempre bonito ver a diretora de “*Hanna Arendt*” (2012) cartografar as vozes femininas que desafiaram o sexismo na Filosofia ou, no caso de seu novo filme, na Literatura. Notável e carismática, Ingeborg Bachmann (a brilhante Vicky Krieps) conquistou espaço

Sem vencer na própria casa há 20 anos, cinema alemão se destaca na Berlinale com ‘*Sterben*’ no momento em que concorre ao Oscar com ‘*A Sala dos Professores*’

no mundo predominantemente masculino da literatura alemã com sua poesia.

Ainda jovem, ela está no auge da carreira quando conhece o famoso dramaturgo Max Frisch. Os dois se apaixonam, até que conflitos pessoais e profissionais começam a perturbar a harmonia do casal.

Mais badalado realizador alemão do presente, Christian Petzold (de “*Undine*”) faz parte do time de juradas e jurados deste ano. Ano passado, ele saiu da Berlinale com o Grande Prêmio do Júri por “*Afire*”.

Em 2022, a Alemanha conseguiu um

bom destaque na Berlinale graças ao já citado Dressen, com “*Rabiye Kurnaz vs. George W. Bush*”, exibido em solo brasileiro pelo Telecine. Laureado com os prêmios de Melhor Roteiro e Melhor Atriz na Berlinale, o longa de Dressen carrega toda a elegância de um certo academicismo de sua pátria no audiovisual.

Misto de drama e thriller judicial, esse longa bota a plateia no bolso à força de uma personagem que lembra Regina Casé em “*Que Horas Ela Volta?*” (2015): a mãe devotada a Rabiye.

De origem turca, ela revira o governo alemão de baixo pra cima a fim de buscar a ajuda necessária para libertar seu filho de Guantánamo, onde foi preso injustamente logo após o 11 de Setembro. Meltem Kaptan é a atriz que vive Rabiye, esbanjando doçura e humor, mas sem abrir mão do som e da fúria inerentes ao instinto materno. Ela dispara aqui na lista de apostas para prêmios, ainda que o filme seja bastante convencional em sua narrativa, lembrando um bocado “*Philomena*” (2013), de Stephen Frears.

Quem sabe neste sábado “*Sterben*” não muda o placar da Alemanha.



Desempenho de Sidse Babbett Knudsen é arrasador em thriller carcerário

Aos 45 minutos de jogo chega ‘A’ atuação

Um dos últimos títulos, entre os 20 concorrentes ao Urso de Ouro de 2024 a ser exibido na grade da Berlinale, o thriller carcerário escandinavo “*Sons*” (“*Vogter*”) garantiu à maratona cinéfila alemã seu melhor trabalho de interpretação, entre

tudo o que se viu desde a abertura, no último dia 15.

A dinamarquesa Sidse Babbett Knudsen (de “*500 Miligramas*”) eleva o padrão europeu de atuação – sobretudo no trato com o silêncio – a outro patamar à fren-

te do novo filme do sueco Gustav Möller (do cultuado “*A Culpa*”).

Sidse encarna uma agente carcerária que entra num conflito existencial e profissional com a chegada de um jovem presidiário condenado pela morte de um colega de celas a facadas.

A brutalidade com que ela passa a tratar o rapaz, associada a uma série de atos suspeitos, sugere uma estranha ligação dela com o preso. O clima de suspense de longa é enervante. (R. F.)

ENTREVISTA / ABDERRAHMANE SISSAKO, CINEASTA

Divulgação



“O cuidado principal que tenho nos filmes é alimentar a imaginação da plateia. A partir dela, tento investir numa construção de empatia”

Abderrahmane Sissako

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

As vésperas de a 74ª Berlinale terminar, a obra do realizador mauritano Abderrahmane Sissako ganha evidência nas rodas cinéfilas alemãs e nas especulações acerca dos possíveis nomes que serão citados, neste sábado, na cerimônia de premiação do evento. Aos 62 anos, o premiado realizador de “Esperando a Felicidade” (2002) dispara entre os favoritos ao Urso de Ouro com “Black Tea”.

Originalmente chamado de “La Colline Parfumee”, a love story egressa da Mautitânia dá o ar de seu romantismo e de sua potente investigação antropológica num ano de forte presença de países africanos no evento. O filme anterior dele foi indicado ao Oscar, em 2015: “Timbuktu”. Em seu novo experimento autoral, ele fala de amores (amor carnal; amor paterno; amor pela pátria) em meio à opressão da xenofobia. A trama começa do momento em que uma jovem,

‘Existem muitos clichês sobre a África, sobretudo o vitimismo’

na Costa do Marfim, diz “Não!”, em sua cerimônia de casamento, e se muda para Guangzhou, na China, em busca de reinvenção pessoal. Uma loja de chá vai funcionar como seu microcosmos. Porém, o contexto cultural de racismo será o maior adversário da protagonista, Aya, vivida por Nina Mélo.

Na entrevista a seguir, Sissako explica ao Correio da Manhã que ranços coloniais assombram o mundo que ele filma.

Existe uma sequência devastadora em “Black Tea”, num jantar, em que o racismo é exposto de forma direta. Como foi a estruturada a abordagem da intolerância racial no roteiro?

Abderrahmane Sissako: É um foco geracional. Há um jovem chinês que refuta o racismo dos mais velhos. Era delicado operar a questão do racismo numa trama com chineses, para não associar a intolerância a eles, como povo. Mas é fato: os africanos foram re-

jeitados durante toda a História. A tal sequência do jantar é uma explosão que nos mostra a reação juvenil. O futuro pode ser melhor. Eu acredito no ser humano.

De que Áfricas o senhor fala em “Black Tea”?

Das mulheres. É um olhar sobre mulheres que buscam a liberdade. Existem muitos clichês sobre a África, sobretudo o vitimismo. Meu empenho aqui é driblar esses clichês.

Nessa trança com a China, passando ainda por Cabo Verde, que fantasmas coloniais o senhor encontra?

A injustiça é a maior sequele do colonialismo e a forma que nós, como continente, podemos reagir é refutar o controle e entender que medidas geográficas podem ser redutoras se aplicadas a pessoas, sobretudo num território de onde as pessoas, historicamente, imigram.

Existem sequências exuberantes em “Black Tea”, sobretudo as imagens dos campos de plantação de chá. Como sua fotografia foi estruturada?

Eu queria trabalhar com um fotógrafo que viesse da Ásia, mas acabei encontrando um francês que morou dez anos na China e fala mandarim; Aymerick Pilarski. Fechei com ele não por sua intimidade com o chinês, mas pela força visual de seu trabalho. O cuidado principal que tenho nos filmes é alimentar a imaginação da plateia. A partir dela, tento investir numa construção de empatia.

Divulgação



Cillian Murphy encarna J. Robert Oppenheimer sob a direção de Christopher Nolan

E o César vai para...

Em meio a uma potente fornada francesa nas mostras da Berlinale, o Oscar da terra de Truffaut será entregue nesta sexta em Paris, com homenagem ao diretor de 'Oppenheimer'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Coprodutora de alguns dos mais potentes concorrentes ao Urso de Ouro de 2024, sobretudo o senegalês -beninense "Dahomey", a França afirmou a elegância de sua filmografia tão diversa nas telas de Berlim por joias confessionais como "Hors Du Temps", de Olivier Assayas, e o thriller "Le Gens Á Côté", de André Téchiné, ambos mestres, com décadas de trajetória.

Um time mais moço, com destaque para Jérémy Clapin, também se fez notar, graças a pepitas do naipe de "Pendant Ce Temps Sur Terre". Esta noite, Berlim volta a esticar seu pescoço para espiar as ousadias do audiovisual francó-

fono não em suas próprias telas, mas, sim, por meio das notícias sobre os resultados da entrega do troféu César. Parte da reverência germânica (e de todo o planisfério cinéfilo, na real) a esse Oscar à francesa, entregue desde 1976 pela Académie des Arts et Techniques du Cinéma (nos moldes da Academia de Hollywood), vem da presença do mestre alemão Wim Wenders entre os concorrentes. Seu novo exercício autoral, "Dias Perfeitos", já em circuito no Brasil, está concorrendo como Melhor Filme Estrangeiro.

Muitos medalhões das telas estão no páreo do César, um troféu de bronze estimado em cerca de € 1,5 mil, batizado com o nome de seu escultor, César Baldaccini (1921-1998), artesão do Nouveau Réalisme europeu. A festa de en-



Divulgação

'Frango Para Linda!' ganhou o troféu Cristal de Annecy

trega da honraria acontece no auditório Olympia, em Paris, com a atriz e diretora Valérie Lemercier no comando das atividades. Celebidades que se fizeram famosas graças aos filmes gestados na pátria

de François Truffaut vão estar lá, como Ariane Ascaride, Bérénice Bejo, Juliette Binoche, Benoît Magimel, Jean-Pascal Zadi e Dany Boon. Encenada muitas vezes nos palcos do Rio, a dramaturga Agnès

Jaoui, que também é atriz e diretora, ganha um dos Césares de Honra do ano. O outro será confiado ao diretor britânico Christopher Nolan. O inglês é o favorito absoluto ao Oscar de 2024 com "Oppenheimer", que, apesar da homenagem a seu realizador, também está em concurso, e é maior adversário de Wenders na categoria dos longas rodados em línguas diferentes do idioma de Balzac.

Apesar de o filme com mais indicações ser a distopia "Le Règne Animal", de Thomas Cailley, o potencial ganhador da noite é "Anatomia de uma Queda", que deu a Justine Triet a Palma de Ouro de Cannes, o Globo de Ouro de Hollywood e cinco indicações ao Oscar. Já em exibição nas telas cariocas, o longa aborda a batalha judicial de uma escritora (Sandra Hüller) para provar sua inocência na acusação de ter matado seu marido.

Entre todos os indicados, destaca-se um desenho, que rouba holofotes por onde passa por sua dimensão antropológica: "Frango Para Linda!" ("Linda Veut Du Poulet!"), de Chiara Malta e Sébastien Laudenbach: Foi o ganhador do troféu Cristal de Annecy, maior festival de animação do mundo. Em sua trama, Linda é injustamente punida pela mãe, Paulette, que fará tudo o que estiver ao seu alcance para recompensar a garota. Até um frango com pimenta, apesar de não saber cozinhar. Paulette e a filha então partem em uma jornada por toda a vizinhança para encontrar o ingrediente; mas onde comprar frango durante uma greve geral?

Ao mesmo tempo em que o César estiver sendo entregue em terras parisienses, um dos mais importantes artesões das narrativas documentais da França vai estar falando da força estética de seu país: Nicolas Philibert. Ganhador do Urso de Ouro de 2023 com "No Adamant", ele regressa à Alemanha com "Averroès & Rosa Parks", que integra a seção paralela Berlinale Special com forte chance de sair dela com o Prêmio de Melhor Documentário. É um estudo sobre o tratamento psiquiátrico no Velho Mundo.

CRÍTICA / CINEMA / O ASTRONAUTA

A galáxia autoral de Sandler

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Previsto para estreiar na Netflix na próxima sexta, o devastador drama sci-fi tcheco-americano “O Astronauta” (“Spaceman”) rasgou a Berlinale ao meio num Fla x Flu de “eu amo” versus “eu odeio” típico das incursões de seu protagonista, Adam Sandler, por gêneros distintos da comédia.

Foi assim até com “Joias Brutas” (2019), no qual se enfiou de cabeça na seara do thriller. Há mais uma projeção do longa baseado no romance “Spaceman of Bohemia”, de Jaroslav Kalfar no festival alemão neste fim de semana: hoje, na sala Kino International. Já se espera mais um racha teórico entre seu público.

Celebrizado nas telas do Brasil na aveludada voz de Alexandre Moreno, o maior dublador de sua geração, Sandler encanta muitos com seu método único de implodir e de explodir em cena, mas irrita outros tantos em seu estilo cômico físico.

Mas “O Astronauta” fica a galáxias de distância de seu legado galhofeiro. É um ensaio existencial metafísico que conversa tanto com o “2001” de Stanley Kubrick quanto com “A Fonte da Vida”, de Darren Aronofsky. É triste mas, ao mesmo tempo, analgésico.

A direção do sueco John Renck (da minissérie “Chernobyl”) usa a palavra como sua espinha dorsal, mas provoca Sandler, a cada segundo, para extrair de seu olhar angústias e doçuras, de um jeito que o ator nunca fez.

Comediante de maior êxito comercial dos EUA em venda de ingressos e audiência via streaming nos últimos 25 anos, Sandler construiu uma persona (um valor simbólico) capaz de dar a seu trabalho uma diretriz rara na casta dos astros de Hollywood: ele virou um “ator autor”. Cada vez que está em cena, ele dá um polimento inusitado ao arquétipo patético dos heróis humorísticos de modo



Divulgação

Habitado a comédias, Adam Sandler divide opiniões ao atuar no drama ‘O Astronauta’

a substituir a fragilidade estrutural deles por arroubos de fúria, expresso num grito característico, ganido, que Moreno dubla como ninguém, em simbiose.

A ideia de autor aplicada a Sandler aqui não segue o senso de “autoria” - ou seja, de ser um ator que escrever -, porém, sim, no senso de “autoralidade”. O termo, consagrado no audiovisual a partir dos anos 1950, nas críticas da mítica revista “Cahiers du Cinéma”, costuma ser usado apenas como uma designação para cineastas, aplicada só a quem deixa uma marca pessoal no coletivo de seus filmes. Essa marca é sempre uma reiteração, e pode se aplicar a um tema, à re-

corrências de um elenco, a retomada de certos traços formais na construção de planos. Um exemplo é Spike Lee: seus longas, de ficção ou documentais, sempre se expressam contra crimes raciais, recorrem a atores habituais (como Samuel L. Jackson e Denzel Washington) e sempre usam um efeitos de angulação em 45 graus em cenas catárticas.

Sandler é autor não só pelo desenho arquetípico que estruturou para si a partir do fenômeno “O Rei da Água” (1998) - o primeiro de seus longas a ultrapassar US\$ 100 milhões na arrecadação -, mas por imprimir uma linha identitária em seu modo de produzir. Leva a trupe dele, os

amigos atores dele, sua mulher (produtora) e sua filha (atriz) para histórias de amor sempre pontuadas por um debate sobre memória e paternidade. É o caso de “Como Se Fosse A Primeira Vez” (2004), exibido quase todo dia na TV a cabo brasileira.

Essa busca autoral dele dá corpo (e alma) ao que se vê em “O Astronauta”, filme plasticamente refinado pela fotografia de Jakob Ihre e pela música de Max Richter.

Na trama, Sandler põe seus clichês e suas potências em xeque ao viver o cosmonauta Jakub Procházka, que vem de uma família de criadores de porcos da República Tcheca, e virou um herói para a Ciência em seu país.

Em meio a uma missão nas estrelas para estudar uma névula radioativa, ele entra em parafuso pela culpa que sente de ter deixado sua mulher, Lenka (Carey Mulligan), na Terra. À sombra do isolamento, numa exasperante sensação de desterro, ele passa a ver uma criatura em sua nave, uma aranha gigante (com a voz de Paul Dano), que funciona como o Grilo Falante de Pinóquio: o bicho dá a Jakub a medida moral de suas escolhas.

Sem medo de flunar pelo céu do melodrama, “O Astronauta” se firma como um estudo sobre a neurose da ruptura e renova o repertório de um ator em contínua fricção.

Reclame aqui*

(PRIMEIRA PARTE)

“Veja, ilustre passageiro, / o belo tipo faceiro / que o senhor tem ao seu lado. / No entanto, acredite / Quase morreu de bronquite / Salvou-o o Rum Creosotado”. Era a ‘sanca’ e o cartazete dos reclames nos bondes da Cidade Maravilhosa. Lembra do ‘Taioba’? Histórias antigas povoam nossa mente, sem, necessariamente, tenhamos-as vivido plenamente ou, sequer, sermos contemporâneos a elas. A história nos traz os fatos por meio dos, tão importantes, livros, pelos mais velhos, imensos em existência e conhecimento e pelas reminiscências.

A do Rum Creosotado é uma delas. Lembro-me vagamente deste reclame nos bondes cariocas que, povoaram meu dia a dia por muitos anos e ainda estão vivos em mim, pois, nascido e criado em Santa Teresa, esse meio de transporte que, marcou a história da cidade, ainda se faz presente. Outro cartaz que marcou minha infância foi da “Emulsão Scot”, quem não lembra do famoso óleo de fígado de bacalhau. O anúncio, cujo conteúdo mostrava um pescador com um enorme peixe às costas, apregoava os benefícios do fortificante. E tome colheradas e mais colheradas daquele creme branco de gosto terrivelmente forte. São as tais lembranças afetivas que, no caso, são olfativas e mal gustativas.

Praticamente o mesmo gosto das cápsulas de ‘Ômega 3’ quando estouram na boca.

“O bonde era divertido, fresquinho e com gente de todos os tipos. Mas peguei pouco, logo mudaram para o ônibus elétrico”, contou-me, certa feita, uma amiga querida. Transporte preferido de Machado de Assis, rendeu um artigo delicioso: “Regra para uso dos bondes”. Publicado, originalmente, na Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, em quatro de julho de 1883, tinha dez artigos divertidíssimos, formando regras para uso do transporte coletivo. Bilac, quando não ouvia as estrelas, criava crônicas saborosas sobre o transporte urbano sobre trilhos.

Já em 1963, o governador Carlos Lacerda, comprou-o decretando, ali, sua extinção. Em dezembro de 1967 realizou sua derradeira viagem na linha Alto da Boa

Vista. Em 1971 foi a vez de ser sumariamente desativado, no mês de abril, o Trólebus, da CTC – Companhia de Transportes Coletivos um dos mais eloquentes cabides

de emprego que o Rio já teve, foi promovido como substituto do bonde; não deu certo! Infestavam as ruas atrapalhando o trânsito, o sábado, o público e o tráfego.

Alguns, ainda, trafegavam na contramão, uma maluquice só. (continua...)

*Frase contida nos espaços vagos para publicidade nos antigos bondes.



Divulgação



Areia MPB

Divulgação



Gelateria Piemonte

Divulgação



Nacho Praia

Por **Natasha Sobrinho**
 (@restaurants_to_love)

Especial para o Correio da Manhã

Para petiscar de frente para o mar

Nova leva de quiosques agita a orla carioca

Desde o fim do ano passado, novos quiosques surgiram na tão falada orla do Rio de Janeiro, com o objetivo de levar aos cariocas e também aos turistas, novas e variadas opções de gastronomia à beira-mar. E as novidades são muitas, vão desde o primeiro quiosque de gelatos e de culinária mexicana, até o primeiro espaço dedicado a música popular brasileira. A lista boa, confira abaixo:

AMOR - Um pequeno pedaço de Roma na orla carioca! O quiosque proporciona uma experiência culinária mediterrânea autêntica na praia de Copacabana, próximo ao Posto 3. O cardápio tem massas artesanais e pizzas usando a antiga receita da Pinsa Romana. As redondas são feitas com um mix especial de farinhas e massa madre que conferem leveza, crocância e alta digestibilidade. Tudo isso graças às 72 horas de fermentação natural e alto percentual de água. Além disso, a casa oferece uma extensa seleção de vinhos para degustação. Os clientes que gostam de aprimorar ainda mais a experiência, podem pedir harmonizações exclusivas com os pratos.

AREIA MPB - O novo quiosque é um espaço pra música popular brasileira brilhar nas areias de Copacabana. Entre os Postos 2 e 3, próximo ao Copacabana Palace, o espaço tem como lema: "A leveza como uma onda no mar". Do mesmo grupo do Ginga e Samba Social Clube, o quiosque chega na orla carioca como um novo point de cultura e música tipicamente brasileira, unindo as belezas



AmoR

da orla carioca com a tão aclamada MPB. No cardápio, petiscos com peixes e frutos do mar além de chope Brahma e drinks clássicos e autorais.

BARLAGOA ON THE BEACH

Acabou de abrir na orla de Ipanema, no Posto 8, na altura do hotel Fasano, o quiosque do Bar Lagoa. A proposta é levar a tradição da casa já consagrada na Lagoa para a badalada praia de Ipanema. As gravatas dos garçons serão substituídas por panamás, mas o cardápio será basicamente o mesmo. Entre as sugestões estão

Divulgação



Bar Lagoa On the Beach

Divulgação



Pesqueirinho

o famoso bife à milanesa com salada de batata, o salsichão branco ou vermelho com salada de batata e a batata frita e o Kassler carré defumado com chucrute ou salada de batata.

NACHO PRAIA

- Em frente ao Copacabana Palace, o primeiro quiosque de gastronomia mexicana da orla carioca, promete movimentar ainda mais o calçadão mais famoso da cidade. Funcionando 24 horas, todos os dias da semana, o quiosque conta com cardápio assinado pelo chef Ronaldo Canha

com comidinhas como: quesadilhas, nachos, burritos, tacos, entre outros itens típicos da culinária mexicana. Já a carta de drinks foi feita pelo mixologista Thiago Teixeira. A decoração, com diversos sombreros, também chama atenção e quem passar por lá poderá ainda curtir música ao vivo.

PESQUEIRINHO - O quiosque, localizado na praia do Recreio dos Bandeirantes, próximo ao Posto 9, abriu no final do ano passado oferecendo pratos que celebram a riqueza dos sabores locais. O cardápio, executado pelo chef José Neto, tem Monique Gabiatti como chef executiva e conta com ostras frescas, crudos, ceviches, espetos variados, além de peixes e frutos do mar grelhados. Na coqueteleira, o premiado Lelo Forti colocou na carta releituras de clássicos drinks e criações autorais.

GELATERIA PIEMONTE - A marca acaba de abrir o primeiro quiosque de gelatos da orla carioca, em Copacabana, na altura do Posto 5, em frente ao Museu da Imagem e do Som. O novo espaço tem uma cafeteria com um menu de café da manhã, drinks gelados, biscoitos, tortas e claro, gelatos e picolés. Italianíssimos na essência, os gelatos estão com novos sabores que são a cara do clima carioca. Entre as novidades, entram os sabores de apple pie, açaí com cupuaçu e cocada. Eles também desenvolveram um picolé especialmente para bebês: o Baby-lé, no sabor manga, ele tem apenas dois ingredientes: fruta e água, e não tem adição de açúcar. Além disso, o quiosque ganhou uma carta de bebidas alcoólicas com várias sugestões com sorvetes. Entre as opções estão os milkshakes da casa que podem receber adição de vodka, cachaça ou gin (R\$ 40) e as Caipirinhas (R\$ 23) ou Caipivodkas (R\$ 25) com picolés de frutas.